

ELEITOR PERDOA ADULTÉRIO

Leonardo Cavalcanti
Da equipe do **Correio**

Se o presidente norte-americano, Bill Clinton, fosse candidato no Brasil suas aventuras sexuais pouco importariam para o eleitor. Pesquisa do Instituto Vox Populi, encomendada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT), mostra que quase 60% dos brasileiros não mudariam de voto porque o seu político preferido traiu a mulher.

O eleitor, no entanto, trocaria de candidato se descobrisse que ele mente, consome drogas ou abusa da bebida alcoólica — entre 60% e 69% dos entrevistados afirmaram que mudariam de voto se descobrissem um desse fatos da vida do seu candidato.

Como regra de marketing eleitoral, a pesquisa também aponta que assumir uma imagem de devoto é o melhor negócio para os políticos em época de campanha — afinal, 58% dos eleitores abandonariam um político que fosse ateu. “O eleitor vota em candidatos que seguem, de alguma forma, os seus princípios”, diz o diretor do Instituto Vox Populi, João Francisco Meira.

Para ele, as igrejas tomaram o lugar dos partidos na caça ao eleitor e talvez por isso o grande percentual de pessoas que dizem não votar em um candidato caso descubram que ele não acredita em Deus. “Hoje, são as igrejas que mobilizam os eleitores”, afirma.

“Não deixaria de votar em um candidato apenas porque ele foi infiel à sua mulher. Aquele homem que nunca traiu que atire a primeira pedra”, dispara a aposentada Clarice da Fonseca, de 53 anos, moradora de Taguatinga.

Ela, que é casada e mãe de três filhos — dois homens e duas mulheres —, completa: “Agora, se eu se soubesse que o mesmo candidato não acredita em Deus, ele perderia o meu voto imediatamente”.

PULAR CERCA

Um detalhe importante na pesquisa: o percentual de brasileiros que admitem votar em um político independente das suas “puladinhas de cerca” é quase o mesmo entre homens e mulheres. “O que pode ser verificado na pesquisa é que o eleitor está pouco preocupado com a privacidade sexual de um político, desde que isso não cause estragos na esfera pública”, comenta João Francisco.

As regrinhas de campanha resultantes da pesquisa não aconselham um político a trocar de partido conforme os seus próprios interesses, pois 55% dos eleitores são contrários a esse tipo de prática. Empregar parentes também é reprovado — 52% dos entrevistados admitem que trocariam de vo-

to se descobrissem isso contra 42% que não veriam importância no gesto para que fosse preciso mudar de candidato.

O Vox Populi também verificou que condenados ou políticos que estão sendo processados pela Justiça não recebem crédito do eleitor. Segundo os números do levantamento, 52% dos entrevistados admitem que mudariam o voto se descobrissem que o seu candidato se envolveu em alguma pendenga judicial.

“Mas os processos devem ser confirmados e verdadeiros. Afinal, são várias denúncias falsas que aparecem em época de eleições”, afirma a dona-de-casa Maria Ivanide da Silva, de 39 anos. Casada, mãe de dois filhos e com uma neta de oito meses, caso tivesse que escolher entre dois candidatos — um ateu e outro religioso —, Ivanide ficaria com o religioso e também mudaria de voto se descobrisse que o escolhido é alcoólatra.

A mesma pesquisa também apresenta uma preocupação para os dirigentes partidários. Na opinião de 25% dos entrevistados, os partidos existem para disputar cargos e fazer barganhas com o governo — depois aparecem funções como fiscalização dos atos do governo (17%), defesa dos filiados (16%), defesa de idéias (14%) e permissão para que os políticos possam se candidatar (11%).

PARTIDOS

Os eleitores mostram que os partidos estão afastados das pessoas comuns. 53% dos entrevistados esperam que as legendas partidárias estejam em contato permanente com o eleitor. Outros 49% anseiam que os partidos tenham uma

proposta de governo para o seu estado ou país.

“É uma reclamação direta sobre a falta de comunicação entre os partidos, seus programas e os eleitores. Essa responsabilidade também é dos partidos”, entende João Francisco. Ainda 30% esperam que os partidos tenham ideologias claras, 12% que tenham controle sobre a atividade dos seus membros e 16% não esperam absolutamente nada dos partidos — um percentual assustador em época de eleição.

A pesquisa ainda perguntou ao eleitor se é vantagem ou não para um político ser identificado com um partido. Para 34% dos entrevistados, o fato da identificação é positiva e até contribui para que o político realize um bom mandato. 15% dos eleitores acham que atrapalha e 32% deles julgam indiferente a identificação com perspectiva de um mandato melhor ou pior.

METODOLOGIA

Entrevistados: 1.994
Municípios: 195
Margem de erro: 3%
Período da pesquisa: 22 e 23 de agosto

Jefferson Rudy



Como 60% dos entrevistados, a dona-de-casa Ivanide da Silva, 39 anos, mãe de dois filhos, não votaria em um candidato que abusa de bebidas alcoólicas